



Data: 13.06.2020

Título: Assim não brinco

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Economia

Pág: 1;18

OPINIÃO

Assim não brinco

JOÃO
DUQUE
E18

Área: 198cm²/ 7%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6668384



“Confusion de Confusiones”

João Duque
jduque@iseg.ulisboa.pt

ASSIM NÃO BRINCO

Filho único de uma família da classe média alta, o meu amigo ostentava brinquedos a que ninguém sequer aspirava. Entre eles, uma magnífica bola de futebol, igualzinha às usadas nos jogos profissionais! Mas o puto gostava de ganhar. E quando não ganhava amuava e ia para casa. Bastava que a coisa estivesse a correr mal, a perder por 2 ou por 3, nem esperava pelo apito final. Embezerrava, metia a bola debaixo do braço e arrancava, soltando um: “Assim não brinco!”

A saída de Mário Centeno do Governo está envolvida num mistério que ainda não desfez.

Será que o ministro não gostou de ser publicamente enxovalhado por ter honrado a República ao mandar pagar €850 milhões ao Fundo de Resolução, para que este pudesse liquidar os compromissos assumidos na venda do Novo Banco e que só a hipocrisia política negava quando se realizou? Será que foi por não ter sido ouvido sobre a política de reestruturação económica que Costa Silva está a desenhá-la? Será que foi por se ter

A saída de Mário Centeno do Governo está envolvida num mistério que ainda não desfez

sentido secundarizado quando António Costa sentiu que há dinheiro, há fundos e há autorização para se gastar e que, portanto, deixou de ser peça fundamental para um equilíbrio orçamental que já não se elogia? Será que é por não querer ser confrontado com um dos maiores défices da democracia? Será que é para não se deixar afundar numa crise que ele sabe que não lhe cabe em responsabilidade, mas que o problema da dívida pública, não resolvido no seu mandato, nos impede de fazer o que outros países podem? Será que é por não acreditar no Orçamento que apresentou por ser demasiado otimista? Será que é para não ter de confrontar os portugueses com um acréscimo de impostos para fazer face a um crescimento do peso da dívida no PIB para níveis históricos e muito arriscados? Será que é mesmo para ir para o Banco de Portugal, mesmo sabendo que usando os critérios de avaliação de conflitos de interesse e independência de julgamento aplicados à Banca, ele fere objetivamente esse critério ao não esperar pelo menos dois anos entre a saída do Governo e a entrada no Banco? Será que quer ir para governador de outro banco central, lugar que poderia exercer como nenhum outro candidato pelo tanto que sabe e que tão bem pode desempenhar? Será que é por se ter cansado do jogo político e da falta de solidariedade de quem o usou para ganhar eleições, mas que o descarta quando já não sente a mesma necessidade dele? Será que é por tudo isto?

